

Centro Ruth Cardoso

Ciclo Juventudes Comitê Política e Juventudes Sob a ótica dos nossos jovens

A partir de um processo de redesenho de seus propósitos e linhas de ação, o Centro Ruth Cardoso (CRC), abarcado pela Fundação Fernando Henrique Cardoso, passa a investir na consolidação de seu papel como um polo de geração e disseminação de conhecimento. Para tal, o CRC reuniu pessoas atuantes na academia, em movimentos sociais e nas diferentes linguagens artísticas para pensar temas contemporâneos, produzindo materiais que sistematizem e compartilhem as análises e reflexões geradas nesses encontros. A temática a ser explorada no primeiro ciclo é **Juventudes**, dividida em três vertentes: atuação política, construção de identidade e sociabilidades.

Este documento registra e organiza o conteúdo principal do debate **Sob a ótica dos nossos jovens**, realizado em 21 de junho de 2022, no âmbito do **Comitê Política e Juventudes**.

Pessoas que pesquisam o tema interessadas em ter acesso ao registro audiovisual completo do debate podem entrar em contato pelo e-mail: crc@centroruthcardoso.org.br.

As opiniões aqui expressas são dos participantes do debate e não representam necessariamente a posição do CRC.

CONVIDADOS

- **MAURICIO MOURA:** é economista, pesquisador da George Washington University, nos Estados Unidos, e presidente do Instituto IDEIA, consultoria especializada em pesquisas de opinião pública. Trabalhou em instituições como Organização das Nações Unidas (ONU) e Banco Mundial, além de passagens pelo setor financeiro;
- **AUGUSTO DE FRANCO** (mediação): é criador e membro da Escola-de-Redes, que conecta pessoas dedicadas à investigação sobre redes sociais, à criação e à transferência de tecnologias de *netweaving*. Fez parte do Comitê Executivo do Conselho do programa Comunidade Solidária. É membro da Rede de Parceiros do CRC.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

- Como as juventudes brasileiras pensam temas relevantes ao país, como feminismo, desriminalização do aborto e porte de armas de fogo?
- De que forma as mídias sociais influenciam o pensamento dos jovens?

- As pesquisas citadas no debate revelaram um perfil conservador das juventudes brasileiras. Sempre foi assim e nós não percebíamos? Ou houve uma mudança significativa nos últimos anos? Se sim, quais as razões para tal?
- O que os jovens brasileiros entendem por “ser de direita” e “ser de esquerda”?
- Qual é o papel da imprensa em estabelecer prioridade entre os assuntos de interesse público? Em que medida os jovens são influenciados pelos veículos de comunicação?
- A pandemia de COVID-19, ao isolar as pessoas e adicionar uma nova ansiedade às suas vidas, contribuiu para um perfil mais reacionário dos jovens? E qual o impacto do atual contexto de crise econômica e ambiental na tendência para soluções autoritárias?
- Há um ponto de equilíbrio entre a forte adesão das juventudes à campanha para que tirassem o título de eleitor em 2022 e o desinteresse pela política que as pesquisas identificaram entre essa faixa etária?

DEBATE

POLÍTICA, RELIGIÃO, SEGURANÇA PÚBLICA: O QUE PENSAM OS JOVENS BRASILEIROS?

- Opiniões mapeadas em três pesquisas realizadas pelo Instituto IDEIA em 2022:
 - Para a revista *Exame*, foram ouvidas pessoas entre 16 e 24 anos, grupo etário que representa 17% da população, seguindo curvas de distribuição amostral baseadas em diversas fontes disponíveis (uma vez que não há um censo atualizado);
 - Para a revista *GQ*, a pesquisa encomendada focou o público masculino das diferentes faixas etárias;
 - Já a pesquisa sobre segurança pública considerou uma amostra total (ou seja, não restrita ao público jovem) de 1.500 entrevistas em cerca de 200 municípios de todo o Brasil.
- Percepções das juventudes sobre política:
 - Quando perguntados como se definem politicamente (respostas por autodeclaração, ou seja, a pesquisa não ofereceu uma definição fixa dos conceitos de “esquerda”, “direita” e “centro”):
 - 40% dos jovens disseram não ter ideologia definida – dez pontos percentuais a mais do que o resultado obtido para a mesma faixa etária nos Estados Unidos;
 - 27% disseram se identificar mais com a esquerda;
 - 22% disseram se identificar mais com a direita;

- 12% se afirmaram de centro;
- Percentuais são muito similares à curva da população geral: em pesquisas anteriores, 45% afirmaram não se identificar com nenhuma ideologia.

"O que esse resultado nos dá é que, olhando para frente, continuaremos com o que chamam de 'votar na pessoa, não na ideologia ou no partido'. Infelizmente, mostra um grau de distanciamento dos jovens em relação à política." – MAURICIO MOURA

- Quando perguntados qual é o principal problema do Brasil hoje (respostas espontâneas, ou seja, não foram oferecidas opções):
 - Os dois assuntos mais citados foram corrupção (27%) e educação (20%) (o tema da educação costuma ser muito presente em pesquisas feitas com pessoas até 24 anos);
 - No entanto, quando somadas as menções a "crise econômica", "fome e miséria", "desemprego", "inflação" e "desigualdade social", a economia totaliza 40% e desponta como o principal problema dos jovens brasileiros.

"Nesse ponto, os jovens dialogam com a massa brasileira em geral, e eu tenho defendido isso: apesar da polarização que vivemos, esse é um ciclo eleitoral em que a questão da economia está muito presente na mente das pessoas." – MAURICIO MOURA

- Quando perguntados como acessam a política no dia a dia (com a possibilidade de assinalar mais de uma resposta):
 - Mais da metade citou as redes sociais ou os aplicativos de conversa;
 - Em segundo lugar, com 45% das respostas, aparece a televisão;
 - Outras pesquisas apontam que apenas 25% dos jovens acreditam na imprensa: essa descrença passa pela ideia de que os veículos de comunicação têm lado e trabalham por uma agenda própria.

"A TV continua sendo um veículo de acesso ao conteúdo político. É interessante ver que os jovens não conseguem diferenciar se esse conteúdo veio da TV, do rádio, da Internet, porque eles acessam a política muito pelo telefone celular." – MAURICIO MOURA

- Quando perguntados se interagiam sobre política nas redes sociais e nos ambientes digitais:
 - Metade dos jovens respondeu que não. Desses:
 - 75% falaram que não se sentem parte da conversa porque acreditam ser uma "discussão raivosa" – indicativo de que a polarização inibe a presença das juventudes;
 - 25% acreditam que dar sua opinião não altera em nada a discussão.

"Se, por um lado, temos esses mecanismos que democratizam e fazem com que os jovens accessem a política no telefone celular, nas redes, nos grupos de conversa, por outro lado, a situação atual repele que eles entrem na discussão. Ou seja, o jovem tem acesso ao conteúdo político, mas ainda está longe de ter uma presença relevante no debate porque ou não se sente parte da polarização, ou acredita que sua participação é indiferente." – MAURICIO MOURA

- Quando perguntados se pretendiam tirar o título de eleitor (a pesquisa foi conduzida antes da data-limite estipulada pelo Tribunal Superior Eleitoral):
 - 90% dos jovens responderam que sim – resultado que se confirmou, evidenciando o “efeito demonstração” exitoso da campanha encampada por artistas e influenciadores;
 - No entanto, cerca de 75% afirmaram acreditar que seu voto não gera mudanças.

"É bom que os jovens tenham tirado o título de eleitor, mas temos ainda um enorme desafio de fazer com que participem do debate e acreditem que eles realmente farão a diferença nesse contexto." – MAURICIO MOURA

- Percepções das juventudes sobre religião:
 - Quando perguntados a respeito de sua crença:
 - A cada 10 jovens, quatro se declararam evangélicos, proporção maior do que na população geral – o último censo cita 25% de pessoas evangélicas no Brasil, mas a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) já fala em 30%;
 - Desses quatro a cada 10 jovens que se declararam evangélicos, dois se identificaram como neopentecostais;
 - Projeções mostram que, a julgar pelo índice de natalidade dos evangélicos em comparação com o restante da população, até 2050 teremos 50% de pessoas evangélicas no país.

"Os jovens são mais evangélicos do que a população como um todo. Isso se reflete nas respostas deles a outros temas: 61% são contra a descriminalização da maconha para fins recreativos; 48% são contra a descriminalização do aborto, o que reflete quase stricto sensu a curva brasileira; e 72% são contra a ampliação do acesso a armas de fogo, questão com a qual os evangélicos não dialogam. Muito pelo contrário. O que ouvimos nas nossas pesquisas, principalmente das mulheres evangélicas, é que a arma destrói a família e distancia os homens do núcleo familiar." – MAURICIO MOURA

- Quando perguntados sobre a frequência com que vão ao culto:
 - 48% dos jovens disseram ser muito ou médio ativos em suas igrejas, em comparação com 35% da população geral.
- Quando perguntados se concordam que a Igreja está envolvida demais com a política:
 - A maioria esmagadora (61%) disse concordar com a afirmação, ou seja, grande parte dos jovens entende que política e religião são esferas apartadas;
 - Importante considerar esse resultado em diálogo com os 40% que afirmaram não ter corrente ideológica definida.
- Percepções das juventudes sobre segurança pública:
 - Quando perguntados a respeito da frase “Eu tenho medo de sofrer violência da polícia”:
 - 51% dos brasileiros como um todo concordaram com a afirmação;
 - Entre jovens de 16 a 24 anos, o percentual aumenta para 66%, ou seja, dois terços das juventudes têm medo de sofrer violência policial;
 - Ainda que o tamanho da subamostra da pesquisa não permita fazer afirmações definitivas, os resultados indicam que os jovens negros têm mais medo da polícia do que os jovens brancos.
 - Quando perguntados a respeito da frase “A chance de haver crime organizado ou facção criminosa na minha vizinhança é”:
 - 31% dos brasileiros afirmaram que a chance é alta, número que sobe para 40% entre os jovens;
 - Cerca de 31% da população geral disse que a chance é média, em comparação com 35% dos jovens;
 - Portanto, na soma, 75% das pessoas até 24 anos de alguma maneira estão expostas ao crime organizado ou a facções criminosas no seu dia a dia;
 - Resultados expressivos não se restringem às juventudes que moram nas periferias, mas incluem também jovens das classes A e B. Entre as regiões, o Nordeste lidera.
 - Quando perguntados a respeito da frase “Nos próximos meses, a segurança pública da minha cidade vai”:
 - 26% dos brasileiros disseram que vai melhorar;
 - 52% disseram que não vai melhorar nem piorar;
 - 23% disseram que vai piorar. Entre os jovens, essa percepção chega a 33%, ou seja, dez pontos percentuais a mais do que a população geral.

- Quando perguntados a respeito da frase "Se eu pudesse, eu me mudaria da minha cidade por causa da violência":
 - 36% dos brasileiros concordaram, resposta que salta para 45% entre os jovens.
- Quando perguntados a respeito da frase "Quanto mais pessoas presas, mais segura está a sociedade":
 - 38% dos brasileiros concordaram, em comparação com 45% dos jovens;
 - Ainda que o tamanho da amostra da pesquisa não permita fazer afirmações definitivas, os resultados indicam que os jovens de maior renda são os mais punitivistas, enquanto os de menor renda (até três salários mínimos) são os que mais temem a polícia.
- Quando perguntados a respeito da frase "Eu tenho medo de ser atingido por bala perdida na minha cidade":
 - 55% dos brasileiros concordaram, percentual que chega a 60% entre os jovens.

"O que me assustou é o nível de medo que nós temos. Um colega fez a mesma pergunta sobre o medo de ser atingido por bala perdida na Colômbia, e a resposta lá foi 30%, enquanto no Brasil passa de 50%. É triste dizer isso, mas a juventude brasileira é uma juventude assustada." – MAURICIO MOURA

- Em resumo, temos uma juventude apolítica, preocupada com a economia e cujas opiniões conservadoras a respeito de temas como o aborto refletem a curva geral da população;
 - Pesquisa específica sobre os homens brasileiros mostra um cenário igualmente preocupante em termos de saúde mental (inclusive entre os jovens): metade não pratica exercícios físicos, dois terços sofrem com depressão e metade tem problemas de ansiedade;
 - Por outro lado, apenas 3% se consideram feios, 17% têm a si próprios como referência masculina, um terço se acha mais inteligente do que a média, 55% entendem a virgindade feminina como algo importante e 35% se declaram antifeministas.

"Na minha ótica, é bastante preocupante ver que temos uma juventude com medo, uma juventude mais conservadora e uma juventude que não parece dar sinais de que estará mais próxima do debate cívico quanto a população em geral." – MAURICIO MOURA

"O resultado dessas pesquisas é surpreendente e mostra a fragilidade da democracia. Tudo que foi posto, em especial a questão da violência, pode levar as pessoas e particularmente os jovens a questionar o valor da democracia, o que é muito grave." – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI?

- Há dez anos, o Brasil possuía um percentual maior de jovens à esquerda: no segundo mandato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, quase 45% das pessoas entre 18 e 24 anos se diziam de esquerda;
 - Por outro lado, aumentou o número de jovens que se declaram de direita: se antes não chegavam a 15%, hoje qualquer pesquisa aponta resultados acima de 20%;
 - O que tem se mantido estável é o contingente de jovens que afirmam votar não em uma ideologia, mas em pessoas candidatas (entre 40 e 45%);
 - “Ser de esquerda significa ser petista”: no Brasil, o entendimento sobre “ser de esquerda” passa por uma forte associação a determinados partidos políticos, em especial ao Partido dos Trabalhadores (PT). Da mesma forma, entender-se de direita está muito vinculado a ser antipetista.

“Nós pesquisamos muito sobre o desencanto com a esquerda brasileira, e houve um desencanto com o próprio PT. Com os escândalos de corrupção, os jovens se distanciaram da política. Isso teve um efeito devastador na juventude.” – MAURICIO MOURA

- Mudança bastante relevante também na quantidade de jovens evangélicos: se hoje a proporção é de quatro a cada 10 jovens, há uma década era dois a cada 10;
 - Brasil na direção oposta aos Estados Unidos: lá, o número de pessoas cristãs que frequentam o culto está diminuindo;
 - Igreja evangélica enquanto “ferramenta de empoderamento feminino”: em grupos focais realizados na região Sudeste, mulheres neopentecostais apontaram que quanto mais suas famílias entram na dinâmica da comunidade religiosa, mais elas se sentem empoderadas, com mais controle sobre a própria vida, uma vez que os maridos se afastam da violência, do consumo de álcool, tornam-se mais presentes em casa etc.;
 - Importância de atentar para a heterogeneidade da comunidade evangélica: não é possível cravar um perfil único para todas as pessoas que se declaram evangélicas no Brasil – inclusive em termos de ideologia política e escolhas eleitorais.

“Uma diferença enorme entre católicos e evangélicos [que aparece] nas nossas pesquisas é que os católicos têm uma baixa incidência de frequentar o culto, enquanto entre os evangélicos essa incidência é alta. E os católicos, principalmente as mulheres, casam mais tarde. A diferença entre as mulheres evangélicas, as católicas ou as que não declaram nenhuma religião é imensa. Portanto, os evangélicos estão mais presentes na sociedade porque casam mais cedo e têm mais filhos.” – MAURICIO MOURA

“[O que a Igreja evangélica oferece] **Não** é o caos, muito pelo contrário. É a própria conformação da rede. Diminui o medo, reduz a violência. A solução é a rede. Mas me preocupa esse tipo de rede, conformada em hierarquia ou na representação divina. 'Eu sou

hábil, eu sou habilitado porque Deus me escolheu para conduzir isso'.” – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

“Eu acompanho muito o interior de algumas favelas e percebo que, na prática, muitas vezes o que a Igreja faz é ser de fato um antagonista ao crime organizado. Basicamente, ou você está dentro da Igreja, ou você acaba no crime. Para as mães, isso é uma verdade, então elas procuram acolher para evitar que a coisa descambe para o outro lado. Está aí, nesse ponto da pesquisa, a solução para esse caso. Criar novas oportunidades ou trabalhar junto com a Igreja para que se amplie a possibilidade de criação de comunidades mais fortes, mais firmes, dentro desses lugares vulneráveis.” – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

“As pesquisas indicam que há uma preocupação com a desigualdade, com a economia, e o que a gente observa é uma atração do jovem pelo fazer social, pelo ajudar, talvez até trazido pela própria Igreja. As pastorais, as igrejas evangélicas investem muito em atrair o jovem para atuar visando ao bem coletivo, digamos assim.” – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

- “Vivemos um momento pior do que há dez anos”: de uma década para cá, o medo – seja ele de violência, de ser vítima de bala perdida, de andar pelas ruas da cidade etc. – só aumentou entre as juventudes no país.

“Eu estava aqui fazendo uma viagem no tempo e no espaço, me perguntando sobre os contextos em que essas coisas foram mudando desde o que a gente chamava de abertura política. Eu trabalhava como operário no ABC [Paulista], fiz um supletivo e, em 1977, entrei na universidade. Era um tempo em que a gente clamava por liberdade e pelo problema da inflação, devido à crise que se estabelecia. Era um movimento de juventude e não tinha muito isso de direita. Pelo menos na universidade, era uma atmosfera de esquerda. E a coisa foi indo, se modificando, passando por fases. [...] Eu estou aqui me perguntando como nós vamos nos desdobrar para ter uma perspectiva diferente. Um discurso diferente, uma cultura política diferente. Fico totalmente impactado com o momento que estamos vivendo.” – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

REFERÊNCIAS & MATERIAIS DE INTERESSE

- *Censo Demográfico*, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): <https://bit.ly/3RgGWhK>
- *Especial jovens de 16 a 24 anos*, pesquisa realizada pelo Instituto IDEIA para a revista *Exame* (2022): <https://bit.ly/3adwghn>
- “Homicídios de crianças e adolescentes”, página do site do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) Brasil: <https://uni.cf/3nEkEqK>

- “Jovens eleitores em 2022: as três principais análises do Instituto IDEIA sobre o tema”, postagem no *blog* do Instituto IDEIA (10 de junho de 2022): <https://bit.ly/3us4G6P>
- *Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil*, estudo de autoria do Fórum Brasileiro de Segurança Pública e do UNICEF (2021): <https://uni.cf/3nEkW0m>
- “Pesquisa: 62% dos brasileiros relatam ação de facções criminosas onde moram”, matéria do portal *UOL* (21 de junho de 2022): <https://bit.ly/3NL AoUS>
- “Pesquisa GQ: o que o homem brasileiro pensa sobre sexo, moda, machismo e dinheiro”, matéria no site da revista *GQ* (11 de maio de 2022): <http://glo.bo/3Re5PZI>
- *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios* (PNAD), realizada pelo IBGE: <https://bit.ly/3lerY5S>
- “Pestana e a parábola da existência masculina”, artigo de Mauricio Moura na revista *GQ* (11 de maio de 2022): <http://glo.bo/3uoA2LP>
- *Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam*, livro de Juliano Spyer (2020)
- *Religião e política – reunião 1*, sistematização do debate promovido pelo Centro Ruth Cardoso com João Luiz Moura, Luiza Camargo, Wesley Teixeira e mediação de Ana Cristina Braga Martes (2021): <https://bit.ly/3PkObSj>
- *Religião e política – reunião 2*, sistematização do debate promovido pelo Centro Ruth Cardoso com Vinícius Lima, Viviane Costa e mediação de Lívia Reis (2021): <https://bit.ly/3OKVKl7>